

DISCURSO DE COLAÇÃO DE GRAU PROFERIDO PELA PROF<sup>a</sup>.  
DR<sup>a</sup>. LUELÍ NOGUEIRA DUARTE E SILVA, DIRETORA DA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFG, AOS FORMANDOS DE  
PEDAGOGIA E PSICOLOGIA 2019/2, EM 30 DE JANEIRO DE  
2020

Boa noite a todos e todas!

Boa noite ao prof. Edward Madureira Brasil – magnífico Reitor da UFG!

Boa noite à profa. Sandramara Matias Chaves – magnífica Vice Reitora da UFG!

Boa noite à profa. Jaqueline Araujo Civerdi – estimada Pró-Reitora de Graduação!

Boa noite à profa. Denise Silva Araújo – coordenadora do curso de Pedagogia!

Boa noite à profa. Miriam Bianca Amaral Ribeiro – paraninfa da turma de Pedagogia!

Boa noite à profa. Cinthia Letícia de Carvalho Roversi Genovese – profa. homenageada da turma de Pedagogia!

Boa noite à profa. Jordana de Castro Balduino Paranayba – coordenadora do curso de Psicologia!

Boa noite à profa. Gardênia de Souza Lemos – profa. homenageada da turma de Psicologia!

Meu respeito e saudade do colega prof. José Adelson da Cruz – *in memoriam*, paraninfo da turma de Psicologia!

Boa noite ao seu Augusto – servidor técnico administrativo homenageado das turmas de Pedagogia e Psicologia!

Boa noite aos pais, familiares e amigos dos formandos!

Boa noite aos colegas professores!

Finalmente, boa noite aos formandos!

Há dias, medito sobre o que falar neste momento tão especial, que é a colação de grau. E, no entanto, tão difícil para a educação e para as universidades públicas deste país. A última é a situação dramática e esdrúxula de milhares de jovens brasileiros com o Enem e o Sisu, sob a ameaça de ver seu sonho de entrar para uma universidade pública não se realizar, em função de um desgoverno na gestão do MEC.

Assim, diante de tantas incertezas e ataques à universidade pública brasileira, em meu discurso, como Diretora da Faculdade de Educação da UFG, abordarei o seguinte tema: *Os desafios da formação na universidade pública na atualidade*. Antes, porém, é preciso discorrer um pouco sobre meu entendimento de educação e de formação.

Parto do pressuposto de que o Homem não nasce pronto, mas, ao nascer, ele é apenas um projeto de ser humano. Ou seja, é uma possibilidade, é um vir a ser. Para que ele se constitua como Homem, para que possa desenvolver suas funções psicológicas, suas habilidades, seu potencial, suas emoções, enfim, sua subjetividade, é necessário estabelecer relações sociais com outros homens, desde o nascimento. Para tanto, é preciso estar inserido em uma cultura, e por meio de um processo contínuo de interação com o outro, o Homem vai se apropriando/internalizando as formas culturalmente dadas,

e daí se constituindo como ser humano, ao mesmo tempo, em que, por meio de sua ação, também interfere, muda e recria a realidade.

Essa aparente condição de fragilidade e de incompletude do ser humano é seu maior trunfo, visto que esse processo demonstra a necessidade de ele ser educado. Para isso, é preciso de outro ser humano. É, portanto, necessária à existência de um processo formativo e educativo, para que o bebê, que acabou de nascer, se torne Homem, se torne um ser humano, por meio de um logo processo de desenvolvimento e aprendizagem.

À medida que o ser humano aprende, apropria e internaliza informações, conhecimentos, valores, nomes dos objetos e das coisas, linguagens, habilidades, atitudes, enfim, o jeito de ser, agir e pensar humano, ele se desenvolve como tal.

Nesse sentido, a construção do ser humano envolve um processo de ensino/aprendizagem desde o nascimento, bem como um processo educativo: há alguém que ensina e alguém que aprende. Diante desse processo, a interação social torna-se condição para o processo de humanização do homem.

Esse entendimento do processo de humanização implica afirmar que educação não se reduz ao processo de escolarização, de instrução e na ideia de escola, mas contempla, antes de tudo, uma dimensão socializadora, humanizadora.

É no e pelo processo educativo que todo ser humano, desde o nascimento e até sua morte, se constitui Homem, tanto no sentido genérico, como membro da espécie humana, e como ser individual, particular e único.

Como diria Saviani (1996, p. 147), teórico do campo educacional, “por meio do trabalho educativo se produz, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Portanto, o aprender a ser Homem e o processo de humanização implicam no trabalho educativo, pois este envolve a educação.

Com o surgimento e o desenvolvimento da sociedade burguesa, industrial, urbana e tecnológica, foi se apresentando, cada vez mais, a necessidade e a urgência de acesso e de domínio ao saber sistematizado, científico e técnico. Isso acarretou, por um lado, na ênfase da dimensão da escolarização, da instrução, da escola, conseqüentemente, uma maior valorização e preocupação com o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Por outro lado, acarretou uma formação cada vez mais instrumental, técnica, pragmática e imediatista, voltada, essencialmente, para o desenvolvimento de competências e habilidades, de modo a preparar o jovem para adaptar-se a essa realidade, bem como para o mercado de trabalho.

Dizer isso não significa que sejamos contra a formação do desenvolvimento cognitivo dos jovens, ao contrário, esse desenvolvimento é fundamental e necessário à sociedade contemporânea. O desenvolvimento cognitivo dos jovens é, inclusive, na atualidade, condição para a sua emancipação.

O que se critica é simplesmente o reducionismo da formação aos imperativos do mercado de trabalho. Critica-se a redução da formação à mera profissionalização, a formação direcionada apenas ao desenvolvimento das competências e habilidades de certa profissão, ou, como diria Adorno, a semiformação. Critica-se, portanto, uma educação instrumental e pragmática, que desconsidera a formação humana e socializadora, tão importante e necessária quanto à outra.

Visto que, na atualidade, no estágio atual de desenvolvimento do capital, em que o mercado torna-se a referência para todas as coisas, espera-se que a escola, de modo geral, e a universidade, em particular, ofereçam prioritariamente uma formação voltada para o mercado de trabalho e que atenda às suas demandas e a seus caprichos.

Pode-se, inclusive, afirmar que esse entendimento está na raiz de vários movimentos de ataque à educação e às universidades públicas, como se pode verificar no Programa Future-se proposto pelo MEC, nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação de Professores, na nova Base Nacional Curricular Comum, além da proposta das Organizações Sociais para gerir as escolas e universidades, entre outros.

Nesse sentido, entendemos a educação como uma prática social e histórica que encerra uma tensão entre a necessidade de garantir a adaptação do indivíduo à sociedade e, ao mesmo tempo, possibilitar-lhe tornar-se um sujeito emancipado – a educação não pode e nem deve estar à mercê dos desejos e dos imperativos do mercado –, visto que o processo educativo e formativo do ser humano, de modo geral, e o escolar, de modo específico, visa formar o ser humano para essa sociedade, para essa cultura, porém, simultaneamente, formar um sujeito capaz de pensar, interpretar, construir, reconstruir, criar e recriar as formas culturalmente dadas, de modo a contribuir para a construção de um mundo melhor, mais justo, mais fraterno, mais ético e menos excludente.

Posto nesses termos, a educação e o trabalho educativo se revelam como uma prática que tensiona, confronta o tempo todo o novo e o velho, a tradição e a modernidade, o presente e o passado, a teoria e a prática, o saber e o fazer, o ensino e a pesquisa, não na busca afã de dar respostas ou apresentar soluções mágicas a essas falsas dicotomias, mas propiciar e criar as possibilidades do exercício do pensar, do refletir, do questionar, do criticar, do discutir, do analisar, do interpretar, a partir dos quais se pode intervir, transformar, mudar, criar e recriar a vida e a si próprio.

Esse entendimento, portanto, se contrapõe a uma educação e formação voltadas para o mercado, mas, ao mesmo tempo, e contraditoriamente não as exclui. Haja vista que formamos sujeitos pensantes, críticos e éticos para esta sociedade, porém com a finalidade de contribuir para emancipação e para transformação social.

Por isso, esse entendimento da natureza, do sentido e da finalidade da educação na sociedade atual, nos remete para a questão da formação na universidade. Daí: qual é o papel da universidade? A que se destina a formação na universidade? Ou, qual é o papel da universidade na formação do ser humano?

Como instituição educativa, sua natureza não se reduz a formação profissional, a formação técnica, a formação de mão de obra e seu sentido não está atrelado simplesmente e unicamente ao mundo produtivo ou ao mundo do trabalho.

Como uma instituição educativa que realiza um trabalho de formar jovens, formar seres humanos, sua natureza comporta tanto uma dimensão de escolarização, de instrução, evidentemente, de formação profissional, de aquisição de técnicas e de saberes específicos, como também, ao mesmo tempo, uma dimensão humana, que envolve o desenvolvimento da razão, do pensamento, da dúvida, da crítica, da sensibilidade, da ética, do compromisso e da responsabilidade com o outro.

Formar na universidade, principalmente nas públicas, é, assim, ao mesmo tempo, oferecer uma formação humana e uma formação profissional, visto que essas não se

excluem, antes se completam, pois estão inter-relacionadas. Formação humana sem télos com a realidade é diletantismo e formação profissional sem formação humana é barbárie.

Assim, o sentido da formação universitária é acima de tudo a formação de um sujeito emancipado, sensível às necessidades e às demandas reais da sociedade, mas, acima de tudo, sensível ao outro, em particular, ao que sofre, ao excluído, ao marginalizado, ao que não tem voz e nem vez. Significa que a formação universitária está atrelada a construção de um projeto societário mais humano, mais igualitário, mais fraterno, mais ético e mais justo.

Diante disso, como realizar uma educação emancipatória na universidade neste momento histórico com tantas ameaças sobre nossas cabeças e nosso trabalho?

Formar para a emancipação hoje me parece ser o maior desafio na e da Universidade. A educação para emancipação envolve, com certeza, o acesso e a apropriação do conhecimento cultural produzido pela humanidade. Cultural, em sentido amplo, significa toda produção material e i-material, daí todo conhecimento científico, técnico, tecnológico e artístico produzido pela ação do Homem sobre a natureza. Envolve conhecimento teórico e prático, envolve o saber e o fazer, envolve o ensino e a pesquisa, envolve o pensar e o agir.

Em tempos como este que estamos vivendo, oferecer acesso ao patrimônio histórico da humanidade é um ato de resistência, é um ato político, visto que a apropriação desses conhecimentos dá forma ao pensar, ao ser e ao agir. Não por acaso o projeto educacional governamental se assenta em mudanças na estrutura curricular, em mudanças na concepção de educação, na defesa da escola sem partido, na gestão escolar por Organizações Sociais, na defesa das escolas cívico-militares e mudanças na formação de professores, com ênfase na prática em detrimento da teoria. Além de tudo, estamos diante de um discurso de desvalorização do professor e de desqualificação da educação e, principalmente, da universidade pública.

Por isso, pais, familiares e amigos de nossos formandos, oferecer uma formação sólida, que contemple tanto conhecimentos específicos da profissão como conhecimentos pedagógicos, filosóficos, artísticos e das humanidades, e ainda sobre o contexto sócio-histórico, são fundamentais e essenciais à formação. E é isso que fazemos! E, por sinal, o fazemos muito bem!

E mais do que nunca precisamos continuar a oferecer esse conjunto de conhecimentos às nossas crianças e jovens, de modo a possibilitar-lhes a apropriação de instrumentos e elementos lógicos, conceituais e cognitivos, de modo que possam resistir, combater e rejeitar a violência, o preconceito, a censura, o ódio, a intolerância, o medo, o desrespeito e o anti-intelectualismo. Enfim, repudiar e lutar contra a barbárie. Formar pessoas que sejam capazes de dizer: Não à ditadura! Não à barbárie! Não à violência! Não ao preconceito!

Esse é o nosso maior desafio!

Dado isso, gostaria imensamente de contar com o apoio e ajuda de vocês, principalmente, a partir de agora, com vocês: formandos. Busquem sempre na profissão de vocês lutarem pelo bem de todos e por um mundo melhor mais humano, mais democrático, mais fraterno e mais justo e a combater todas as formas de violência e ódio.

Obrigada!